



61ª ASSEMBLEIA GERAL

Aparecida – SP, 10 a 19 de abril de 2024

III. Participação

Na meditação anterior contemplamos a *comunhão* como o primeiro raio de luz “de Cristo que resplandece no rosto da Igreja” (cf. LG, 1). Agora, consideramos o segundo raio de luz: a *participação*. Cristo faz a Igreja *partícipe* da sua própria vida, criando as condições para que todos os batizados *participem* ativamente na vida comunitária, oferecendo cada um a sua contribuição. O Papa Francisco, falando especificamente sobre a *participação*, disse:

“Esta deveria expressar-se através de um estilo de corresponsabilidade. Com certeza que, na diversidade de funções e ministérios, as responsabilidades são diferentes, mas seria importante que cada um se sentisse envolvido, corresponsável no trabalho sem se limitar a viver a experiência despersonalizante da execução de um programa estabelecido por outrem”¹.

A corresponsabilidade se concretiza em torno de um projeto compartilhado por várias pessoas, no qual cada uma delas colabora ativamente. Provavelmente a metáfora do Novo Testamento que melhor expressa esta ideia, até mesmo plasticamente, é a do edifício. A imagem da casa, que deve ser construída em conjunto, presta-se assim à nossa consideração e contemplação.

¹ PAPA FRANCISCO, *Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal*. 23 de dezembro de 2021.





1) A casa de Deus

Na 1ª Carta a Timóteo, depois de ter tratado das qualidades necessárias para o Bispo e os diáconos (cf. 1Tm 3, 1-13), Paulo fala explicitamente da “casa de Deus, que é a Igreja do Deus vivo” (1Tm 3, 15). Esta expressão é original e merece toda a nossa atenção. No cristianismo primitivo, a partir das casas onde reunia-se para a oração comum, passou-se a definir, quase que espontaneamente, a assembleia dos crentes como a “casa de Deus”. Portanto, de alguma forma, pode-se pensar que algumas relações, características do ambiente familiar, fossem reproduzidas também na dinâmica eclesial. Basta pensar nas recomendações que Paulo dirige ao Bispo e aos diáconos, baseadas precisamente na capacidade de gerir as relações com a mulher e os filhos: «Com efeito, quem não sabe governar a própria casa, como poderá cuidar da Igreja de Deus?» (1Tm 3, 5). Mesmo as considerações do capítulo 5 da Carta aos Efésios, embora elaboradas em outro contexto, colocam em jogo a analogia entre a relação marido-mulher e a relação Cristo-Igreja.

Ora, a definição da comunidade como “casa de Deus” apresenta-se como uma fórmula de autoconhecimento dos primeiros cristãos, que - podemos imaginar - com grande sentimento de surpresa e gratidão, desenvolveram a convicção de que o Deus de Israel não já não habitava no templo de Jerusalém ou nas sinagogas, mas vivia precisamente entre eles, nas suas casas, nas relações domésticas². Graças à presença do Ressuscitado, a casa onde reuniam-se em assembleia tornou-se a casa de Deus. É claro que a imagem da casa remete para um sistema familiar em que as relações se organizam de forma ordenada, com papéis

² Cf. MARCHESELLI-CASALE, C. *Le Lettere Pastorali: le due lettere a Timoteo e la lettera a Tito*. Bolonha: EDB, 1995, pp.265-267.





precisos e com um conjunto de direitos e deveres capazes de garantir a harmonia e a coesão interna. A consequência mais imediata desta abordagem é a corresponsabilidade entre os diferentes membros.

A partir desta convicção eclesial, desenvolveu-se imediatamente uma linguagem metafórica que se apoia fortemente no campo semântico das edificações³. Há dois textos em particular que chamam a nossa atenção: 1Pd 2, 4-5, em que os cristãos são descritos como pedras vivas, e Ef 2, 19-22, em que os fiéis são *edificados* juntos para serem a *habitação de Deus*. Partamos desta última perícope.

2) Edificados juntos

“Portanto, já não sois estrangeiros nem forasteiros, mas concidadãos dos santos e moradores da casa de Deus; edificados sobre o alicerce dos apóstolos e dos profetas, tendo como pedra angular o próprio Cristo Jesus. Nele toda, a construção toda, bem travada, vai crescendo e formando um templo santo no Senhor. Nele, vós também sois juntamente edificados para serdes morada de Deus, no Espírito” (Ef 2, 19-22).

A linguagem civil da concidadania serve para expressar a igual dignidade entre os cristãos de origem judaica e os provenientes do paganismo: todos estão unidos pela participação na mesma condição de santidade ("concidadãos dos santos"). Pois bem, os pagãos, que aceitaram a fé em Cristo, também fazem parte do povo dos salvos, precisamente, os santos. O princípio seletivo étnico desapareceu definitivamente, em perfeita harmonia com a práxis do Jesus terreno, que aboliu os sistemas de divisão e seleção (entre puro e impuro, entre

³ A este respeito, bastam dois exemplos: “Vós (sois) lavoura de Deus, construção de Deus [...] como bom arquiteto, coloquei o alicerce, sobre o qual outro se põe a construir” (1Cor 3, 9-10); “Do vencedor farei uma coluna no Santuário do meu Deus” (Ap 3, 12).





sagrado e profano, entre os pecadores e aqueles que se consideravam justos). A frase “moradores da casa de Deus”, que não por acaso recupera a linguagem das relações familiares, refere-se ao acesso ao templo, indicando confiança no Senhor sem qualquer medo ou sujeição. Agora se desfruta de uma plena familiaridade com Ele: uma espécie de parentesco altamente original.

Surge então uma utilização massiva de termos relativos ao campo semântico arquitetônico: *edificar, alicerce, pedra angular, construção, templo, habitação*⁴, que têm a vantagem de transmitir, mesmo visualmente, a ideia de uma união muito sólida e articulada dos cristãos com Cristo e uns com os outros. De fato, o uso da metáfora do edifício ilustra de forma coerente a coexistência de diferentes sujeitos na singular novidade eclesial. A Igreja é um edifício único, onde cada um tem o seu lugar e o seu papel a desempenhar.

Consideremos alguns termos deste campo semântico.

O *Alicerce*. Em 1Cor este termo (θεμέλιος) é reservado a Cristo, excluindo a possibilidade de que seja utilizado outro alicerce que não Ele (cf. 1Cor 3, 10.11.12). Aqui, porém, no texto aos efésios, com uma pitada de surpresa, o alicerce são os apóstolos e os profetas. Estamos diante de uma fase de reflexão eclesiológica evidentemente posterior a Paulo, pois se antes (nas cartas autorais) o critério normativo era Cristo, agora (nas cartas da tradição paulina) o é também a própria pregação dos apóstolos, assim como o papel dos profetas⁵.

Pedra Angular (ακρογωνιαίος; alguns estudiosos optam por uma tradução diferente: abóbada). A ideia é um pouco complexa, mas coerente: Cristo sustenta a Igreja, é o seu suporte basilar, sobre o qual

⁴ Cf. BEST, E. *Efesini*. Bréscia: Paideia, 2001, pp. 333-344.

⁵ Mais do que aos profetas do Antigo Testamento, refere-se aqui aos cristãos intérpretes das revelações do Espírito.





repousam como alicerces os apóstolos e os profetas, sobre os quais, por sua vez, os cristãos são usados como pedras para o único edifício eclesial. A comunidade eclesial é, deste modo, descrita como uma arquitetura bastante complexa. Porém, encontramos outra surpresa: é uma construção que não está terminada de uma vez por todas, porque é um *edifício que cresce* (αὐξάνω). Ao contrário do que talvez se pudesse esperar, o campo semântico arquitetônico é atravessado por um sentido evidentemente dinâmico: a Igreja não é uma casa acabada, mas está em constante evolução. A partir desta constatação, surge uma eclesiologia em que a sinergia entre os diferentes componentes parece ser um dos elementos mais apreciáveis, porque todos os sujeitos contribuem para o desenvolvimento e crescimento de toda a comunidade. Cada um, porém, deve atuar com um papel preciso, segundo um princípio claramente hierárquico: o *alicerce* são os apóstolos e os profetas e a *pedra angular* é Cristo. Se poderia dizer que é preciso agir de acordo com uma “harmonia hierárquica”.

A consequência é imediata: a Igreja deve perceber-se sempre como um “canteiro de obras aberto”, algo vivo, portanto, nunca concluído e em contínuo *co-crescimento*, necessitado da contribuição harmoniosa de todos os seus componentes. Nela, tanto os etno-cristãos como os judeo-cristãos contribuem igualmente para a construção eclesial: *são co-edificados* juntos. Sujeitos muito diferentes em cultura, sensibilidade, origem (e também em idade, sexo, convicções políticas...) podem, no entanto, unir-se, cada um colaborando na construção da casa única.

A direção, porém, é do Espírito Santo, mencionado explicitamente apenas no final da perícopa de Ef 2, 19-22, e que cria as condições para que possamos agir em harmonia, todos juntos. Quase como se dissesse que não existe comunidade cristã que possa prescindir deste pequeno esclarecimento: “vós também sois juntamente edificados para serdes





morada de Deus". Ou se é Igreja juntos, ou simplesmente não se é. Ou se trabalha e se cresce *juntos*, ou, até mesmo a atividade mais preciosa, fica desprovida de eficácia eclesial. Do ponto de vista morfológico, o prefixo «con» (σύν-), que aparece várias vezes, é mínimo: é um simples monossílabo. Do ponto de vista existencial, porém, desempenha um papel crucial, porque se opõe a qualquer possível desvio individualista. Todos são chamados a fazer a sua parte em harmonia com os outros.

Apenas a título de sugestão, seria pelo menos interessante notar que, ao lado dos termos "sinodal" e "sinodalidade" (caminhar juntos), atualmente em voga no âmbito eclesial, outras palavras também poderiam ter sido adotadas para comunicar a mesma ideia: «construir juntos», «casa comum», «co-edificar», etc. Certamente não se trata de brincar com as palavras... resumidamente, quer-se sublinhar como a simples palavra não deva ser idolatrada, usada como bandeira partidária ou, pelo contrário, hostilizada. A tradição entrega-nos a palavra συν-οδός ("caminhar juntos") para uma determinada eclesiologia e para uma determinada prática pastoral. Em seu lugar poderia facilmente ter surgido συν-οἶκος ("casa comum"⁶) ou outros sinônimos... O essencial é que na Igreja avancemos *juntos*, que cada um seja um participante que tenta caminhar evitando particularismos, independentemente das palavras concretas que sejam utilizadas⁷.

Outra passagem em que aparece a metáfora do edifício é 1Pd 2, 4-5, o que parece combinar bem com a perícopé da Carta aos Efésios que acabamos de comentar.

⁶ A palavra οἰκουμένη ("terra habitada", "casa comum") tornou-se, hoje em dia, um termo técnico adotado pelo ecumenismo.

⁷ A releitura em sentido sinodal de Ef 2, 19-22 é retomada por: MARTIN, A. *Sinodalità. Il fondamento biblico per camminare insieme*. Bréscia: Queriniana, 2021 (com prefácio de minha autoria).





3) Pedras vivas

“Aproximai-vos do Senhor, pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e valiosa aos olhos de Deus. Do mesmo modo, também vós, como pedras vivas, formai um edifício espiritual, um sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo” (1 Pd 2, 4-5).

O quadro imaginativo desta passagem é constituído pela referência ao Sinai, pedra da qual era proibido aproximar-se. Agora, porém, o povo santo pode e deve aproximar-se da rocha que é o próprio Cristo, definido como “pedra viva, rejeitada pelos homens, mas escolhida e valiosa aos olhos de Deus” (cf. Sl 118, 22). Cristo é uma pedra “rejeitada” porque foi rejeitado pelos homens quando o mataram, mas “escolhido e valioso” porque Deus o ressuscitou para uma vida nova. Por esta razão ele é uma “pedra viva” (λίθον ζῶντα). A imagem é paradoxal e muito forte, porque combina detalhes contrastantes: de fato, a pedra está entre os elementos mais inertes e inanimados presentes na natureza: parece morta. Mas, surpreendentemente, é reconhecida como “viva”, porque, em virtude da Ressurreição, Cristo dá aos seus discípulos a capacidade de serem, por sua vez, “pedras vivas” (λίθοι ζῶντες), utilizadas para a construção de um edifício espiritual. Regenerados com vida nova, os crentes que aderem a Cristo constituem a comunidade que é o novo templo no qual oferecem o verdadeiro culto a Deus.

Subjacente a esta imagem está a ideia de que, para a vida da Igreja, é necessária, por um lado, a energia que emana de Cristo ressuscitado, mas que, por outro, não é menos essencial o contributo que cada pessoa é chamada a oferecer. Este último aspecto, porém, somente é possível se cada fiel souber cultivar o desejo e a paciência de fazer parte de um projeto orgânico, com uma visão global, na qual cada





elemento se harmoniza com todos os outros. Aqui reside o esplêndido desafio “sinodal” que esta metáfora da construção nos oferece. Cada uma é como uma pedra que tem que lutar para aderir às outras. Todos estão convidados a participar neste grande projeto e ninguém está excluído a priori.

Também a expressão “edifício espiritual” é paradoxal e contraditória, porque reúne elementos opostos: o edifício é uma realidade visível e tangível; o espiritual, por outro lado, é exatamente o oposto: não pode ser visto nem tocado. Isto transmite bem, a meu ver, a natureza transcendente e ao mesmo tempo imanente da Igreja: plantada na terra e ancorada no céu, em comunhão com os santos e constituída por pessoas concretas, atentas aos acontecimentos do mundo, mas com a visão orientada para o *éskaton*.

4) Implicações eclesiais

Todas estas observações, que podem ter o sabor um tanto acadêmico da investigação exegética, oferecem na realidade muitas ideias concretas para a vida da Igreja em geral e para as comunidades diocesanas e paroquiais em particular. Com efeito, a imagem do edifício refere-se, pelo menos num nível ideal, a algumas atitudes absolutamente necessárias em cada comunidade humana (família, empresa, escola, ala hospitalar, etc.) e, com mais razão, em todas as comunidades cristãs. Tentemos elencar algumas delas.

Em primeiro lugar, se a Igreja está *crescendo* (cf. Ef 2, 21), deve ser considerada como um canteiro de uma obra sempre em construção, jamais concluída em maneira definitiva. Por um lado, isto exige muita humildade, porque nunca se chega ao fim, e, por outro, requer a colaboração de todos. Além disso, exige uma atitude sempre





“construtiva”; infelizmente há quem se sinta obrigado a criticar, demolir, destruir. O Papa Francisco nos lembra: “É inútil, e até chato, que os cristãos percam tempo a lamentar-se do mundo, da sociedade, daquilo que está errado. As lamentações não mudam nada”⁸.

Pelo contrário, a atitude urgente que cada cristão deve tomar é a escolha do positivo, isto é, a determinação incondicional de dar contribuições que sejam boas, que encorajem, que facilitem o crescimento. Ninguém na Igreja está autorizado a assumir o papel de “síndico de falências”. Inclusive as críticas podem e devem ser sempre construtivas.

Além disso, cada batizado é apenas uma simples *pedra*, certamente necessária para a construção, mas como todas as outras. Ninguém é a pedra angular, apenas Cristo é a *pedra angular*: os fiéis são simples pedras de construção, uma ao lado da outra. A atitude interna a ser cultivada, portanto, é a disposição de se deixar quebrar e de ficar um ao lado do outro. Antigamente, nos canteiros de obras de imponentes palácios e grandes catedrais, mestres pedreiros tinham que trabalhar muito tempo as pedras, esquadra-las e nivelá-las, para torná-las perfeitamente lisas e, portanto, capazes de aderir bem umas às outras. Alguns cantos devem ser arredondados, algumas arestas de caráter devem ser suavizadas: só assim um edifício pode ser construído com segurança e harmonia. Entretanto, não basta ser pedras: é preciso ser *pedras vivas*, que trazem toda a sua vitalidade com as riquezas e as dificuldades da vida quotidiana. Pensemos, com grande gratidão, em quantas pessoas estão envolvidas nas nossas atividades pastorais e iniciativas de voluntariado. Uma jovem irlandesa, muito ativa nas atividades da sua paróquia, afirma que se pudesse falar aos Bispos não

⁸ PAPA FRANCISCO. *Homília na Santa Missa com a bênção dos pálios para os novos Arcebispos Metropolitanos, na Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro Paulo*. 29 de junho de 2020.





pediria sabe-se lá que iniciativas, mas “que se esforçassem muito para promover e conectar o que já está sendo feito no âmbito de base”⁹. Há tanta vitalidade escondida!

Por isso é necessário um plano comum. Poderíamos chamá-lo um “projeto de construção”: não se pode construir ao acaso, faz-se necessário, ao contrário, que cada pedra seja colocada no lugar certo, numa visão orgânica global, que leve em conta todos os elementos em jogo. Neste sentido, pode-se dizer que cada elemento deve ser colocado dentro de uma “harmonia hierárquica”, da qual são responsáveis, *in primis*, os Bispos e o Magistério da Igreja. Os ministérios batismais e os ministérios ordenados devem ser entendidos como realidades harmoniosamente ligadas entre si: seria um problema se fossem compreendidos e desenvolvidos num clima de reivindicações de poder e de suspeita mútua.

Um detalhe deve ser destacado: Cristo, a pedra angular, está escondido no subsolo, para sustentar os alicerces, e muitos outros elementos permanecem escondidos junto com ele. Algumas pedras vivas da Igreja, de fato, não são vistas, não se tornam famosas, mas permanecem nas sombras e trabalham de maneira escondida. Aqueles cristãos que passam despercebidos aos olhos da maioria e são considerados “insignificantes” desempenham, na verdade, um papel fundamental. Sabemos como demonstrar estima e apreço pelos colaboradores que operam silenciosamente, que não “são notícia”, mas prestam um serviço muito valioso nas nossas comunidades?

A imagem da casa a construir remete, então, para uma miríade de experiências humanas que não são de todo estranhas à Igreja, mas que, pelo contrário, nos tocam de perto: o nosso pensamento dirige-se imediatamente para as cabanas à beira dos grandes rios, para os

⁹ HARGADEN, K. *Irlanda: la Chiesa, tra declinio e speranza*. 4 de fevereiro de 2024. Link: <https://www.settimananews.it/chiesa/irlanda-chiesa-tra-declino-e-speranza/>





barracos nas favelas e nos subúrbios dos grandes centros urbanos, para as casas luxuosas dos bairros mais ricos e para os abrigos improvisados empilhados uns sobre os outros nas áreas mais pobres. As aglomerações urbanas apresentam-se com uma enorme variedade neste grande país e clamam em voz alta, quase como um grito doloroso, a proximidade da comunidade cristã. O objetivo é a realização daquela “ecologia humana” sobre a qual o Papa se concentra longamente na encíclica *Laudato si’*. Não é à toa que ele fala diversas vezes do “cuidado da casa comum”:

“É louvável a ecologia humana que os pobres conseguem desenvolver, no meio de tantas limitações. A sensação de sufocamento, produzida pelos aglomerados residenciais e pelos espaços com alta densidade populacional, é contrastada se se desenvolvem calorosas relações humanas de vizinhança, se se criam comunidades, se as limitações ambientais são compensadas na interioridade de cada pessoa que se sente inserida numa rede de comunhão e pertença [...]. Para os habitantes de bairros periféricos muito precários, a experiência diária de passar da superlotação ao anonimato social, que se vive nas grandes cidades, pode provocar uma sensação de desenraizamento que favorece comportamentos antissociais e violência. Todavia gostaria de reiterar que o amor é mais forte. Muitas pessoas, nestas condições, são capazes de tecer laços de pertença e convivência que transformam a superlotação numa experiência comunitária, onde se derrubam os muros do eu e superam as barreiras do egoísmo. Esta experiência de salvação comunitária é o que muitas





vezes suscita reações criativas para melhorar um edifício ou um bairro”¹⁰.

A criatividade é mencionada diversas vezes nestes números da encíclica. Na verdade, na hora de construir algo, uma das qualidades mais envolvidas é justamente a da imaginação e da criatividade. Pensemos, por exemplo, quando uma criança, brincando, monta peças e cria uma pequena construção, ou quando um casal apaixonado prepara a casa onde irão morar. São ocasiões em que a criatividade desempenha um papel central.

5) Proposta de atitude “sinodal”: criatividade

Referindo-se à *participação* como uma característica da dimensão sinodal da Igreja, o Santo Padre, a certa altura, liga-a precisamente à criatividade e diz que fica feliz quando a consegue encontrar nos colaboradores:

“Fico sempre impressionado quando encontro na Cúria a criatividade – dá-me tanto prazer – e, não raro, esta manifesta-se sobretudo onde há e se encontra espaço para todos, mesmo para quem parece, hierarquicamente, ocupar um lugar marginal. Agradeço estes exemplos – encontro-os e me comprazo neles – e encorajo-vos a trabalhar para sermos capazes de gerar dinâmicas concretas onde todos sintam ter uma participação ativa na missão que devem desempenhar. A autoridade torna-se serviço, quando compartilha, envolve e ajuda a crescer”¹¹.

Os neurocientistas dizem-nos que a criatividade não é apenas uma operação intelectual, mas envolve emoções, liberta sentimentos, desperta

¹⁰ PAPA FRANCISCO. *Carta Encíclica Laudato Si sobre o cuidado da casa comum*. nn. 148-149.

¹¹ PAPA FRANCISCO, *Discurso à Cúria Romana para as felicitações de Natal*. 23 de dezembro de 2021.





alegria. Einstein disse que “a criatividade nada mais é do que a inteligência se divertindo”. Pensemos em quando as crianças, mas também os adultos, brincam para construir algo... Trata-se de ativar a imaginação.

Timothy Radcliffe lembra que um jovem padre, chamado Karol Wojtyła, era conhecido também como poeta e dramaturgo e foi considerado inofensivo pelos comunistas, pelo menos inicialmente, por ter sido avaliado como um sonhador. Mas ele fazia parte do teatro da resistência,

“e estava convencido de que a única forma de se opor ao comunismo era aumentar a imaginação dos poloneses, proporcionando-lhes belas expressões. Uma das razões pelas quais representava uma ameaça para os comunistas era o fato de estar tão bem enraizado na cultura polonesa; ele falava polonês melhor que os comunistas. Quando os poloneses fossem capazes de imaginar um mundo diferente, um mundo brilhante, então o mundo enfadonho e sórdido do comunismo entraria em breve em colapso”¹².

Ser criativo significa manter a mente e o coração abertos a coisas novas, ser generativo, colocar a imaginação ao serviço de um mundo melhor e de uma Igreja melhor. Uma das definições mais difundidas de criatividade descreve-a como a capacidade de criar conexões. Conexões entre conceitos, conexões entre imagens, conexões entre pessoas, conexões entre culturas. Esta maravilhosa faculdade humana é também um dos dons peculiares do Espírito Santo, que criou, em Pentecostes, uma linguagem nova, compreensível para todos, conectando estreitamente diferentes línguas e culturas. Não é à toa que a Sequência de Pentecostes se dirige diretamente a Ele dizendo: “Sine

¹² RADCLIFFE, T. *Essere cristiani nel XXI secolo. Una spiritualità per il nostro tempo*. Brécia: Queriniana, 2011. p. 73.





tu *numine* nihil est in homine” (Sem o teu *poder divino* [*numen*], não há nada no homem). Novamente, o hino *Veni Creator Spiritus* reconhece a Ele a qualificação de “criador”: “*Vem Espírito Criador*”, poderíamos dizer.

O próprio Papa Francisco, no encontro com o episcopado brasileiro no Rio de Janeiro, quando veio para a Jornada Mundial da Juventude (2013), falou justamente sobre a “criatividade do amor”¹³, que só é possível se vier dos impulsos do Espírito Santo. Recentemente, na resenha de um livro dedicado a Jesus, publicado há cerca de um ano, o Santo Padre lançou um apelo aos artistas, invocando o “gênio de uma nova linguagem”:

“Neste tempo de crise da ordem mundial, de guerra e grandes polarizações, paradigmas rígidos, graves desafios climáticos e econômicos, devemos sentir a necessidade da genialidade de uma nova linguagem, histórias e imagens poderosas, escritores, poetas e artistas capazes de gritar ao mundo a mensagem do Evangelho”¹⁴.

Pois bem, o famoso diretor Martin Scorsese aceitou o convite do Pontífice e começou a escrever o roteiro de um novo filme sobre Jesus...

A criatividade na Igreja não significa, de fato, um desejo efêmero de alterar este ou aquele elemento da doutrina da Igreja ao seu gosto ou, pior ainda, o conteúdo do *depositum fidei* ou a linguagem da liturgia. Ser criativo, por outro lado, dá a capacidade de encontrar novos caminhos para o anúncio do Evangelho e caminhos originais para a inculturação e para a vida das nossas comunidades cristãs. A autêntica criatividade evangélica surge quando alguém está fundado em Cristo, vitalmente unido a Ele, enraizado no “alicerce dos apóstolos e dos

¹³ PAPA FRANCISCO, *Encontro com o Episcopado brasileiro*. 27 de julho de 2013.

¹⁴ Link: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-01/papa-francisco-prefacio-livro-jesus-padre-spadaro-trama-divina.html>





profetas", parte de um "edifício espiritual" no qual nos oferecermos como "sacrifício espiritual agradável a Deus".

6) A paciência para construir

Ser criativo também significa perceber o que não cai imediatamente sob o olhar, carregar o peso do esforço do momento presente e sentir a beleza do horizonte futuro. Construir a Igreja exige muito esforço, muita paciência e também muita visão de futuro, procurando vislumbrar o que ainda não se vê.

Boris Cyrulnik comenta uma fábula muito famosa atribuída a Charles Péguy, na qual, peregrinando em direção a Chartres, Péguy encontra ao longo do caminho três homens que trabalhavam arduamente numa pedreira. Ele faz a mesma pergunta a todos: "O que você está fazendo?" O primeiro, irritado, diz que evidentemente está quebrando pedras, o segundo responde dizendo que está ganhando a vida, o terceiro, porém, afirma com entusiasmo que está construindo nada menos que uma catedral¹⁵. Aqui está: depende de nós como queremos viver este tempo eclesial complexo e cansativo. Limitamo-nos a realizar atividades pastorais simplesmente arrastando os nossos esforços e desilusões, queixando-nos muitas vezes, ou queremos ser, todos juntos, criativos no novo mundo que virá?

Em particular, nós, Bispos, queremos limitar-nos a cumprir diligentemente a tarefa de "reparadores de brechas", como diria Isaías (58,12), ou queremos ser os "bons arquitetos" da Igreja (1Cor 3, 10), como se autodefine o apóstolo Paulo? Não devemos pensar apenas na restauração da Igreja, considerando-a como se fosse um edifício em

¹⁵ Cf. *Les clés du bonheur. Un entretien avec Boris Cyrulnik*. Le Nouvel Observateur n. 1939. Link: <http://relation-aide.com/library/le-bonheur-entretien-avec-boris-cyrulnik/>





ruínas; devemos, pelo contrário, sonhar com uma construção inédita, original, partilhada com todos os componentes do Povo Santo de Deus. A *participação* de todos na construção da Igreja será um raio de luz de Cristo que ilumina cada homem e mulher do nosso tempo.

Continua a aplicar-se a recomendação de Paulo a Timóteo: “Ora, não convém que o servo do Senhor viva discutindo, mas que seja manso para com todos, pronto para ensinar, *paciente*. Com brandura, ele deve instruir os opositores” (2Tm 2, 24-25). Estas parecem ser palavras dirigidas hoje precisamente a nós, Bispos: a virtude da paciência é talvez a mais necessária para aqueles que têm a tarefa nada fácil de fazer convergir na unidade os vários componentes da comunidade, para edificá-la na caridade (cf. Ef 4, 16). Para servir e amar autenticamente a Igreja, um pastor deve ter em conta que terá que sofrer muito por ela e, muitas vezes, precisamente por sua própria causa. Provavelmente, através das palavras de São Paulo, hoje o Senhor Jesus dirige-se pessoalmente a cada um de nós, Bispos, dizendo-nos com infinita ternura: “Tu, porém, vigia em tudo, suporta as provações, faz o trabalho de um evangelizador, desempenha bem o teu ministério” (2Tm 4, 5).





Apêndice: para continuar a reflexão, com São Paulo VI

“A Igreja é uma construção em andamento; não é uma construção acabada, está em processo de conclusão. Acaso este aspecto não nos fala da imagem ponderada da história da Igreja? Do seu devir, promovido por Cristo, verdadeiro construtor da sua Igreja, pela ação do Espírito Santo; não nos fala da sua atual incompletude, do seu crescimento contínuo, da sua beleza, que se revela à medida que a construção se completa, ou seja, à medida que os séculos passam? Esta imagem não nos lembra a perpetuidade da Igreja, a sua fidelidade aos próprios fundamentos doutrinários e estruturais, à sua verdade, hoje igual à de ontem e de amanhã, mas sempre suscetível de aprofundamento, ou melhor, de elevação, na identidade de conteúdo e no prodigioso frescor de expressão? Procurai, queridos filhos, pensar na Igreja como a casa de Deus; encontrareis a resposta para muitos mal-entendidos que distorcem o conceito; encontrareis o convite para entrar mais nesta casa abençoada, para conhecê-la melhor, para viver nela com alegria e dignidade; encontrareis a descoberta de uma grande fortuna, a de ter uma casa; uma casa onde o amor aos irmãos é o princípio da convivência, e onde o amor de Deus por nós, e de nós por Deus, tem a sua celebração mais feliz e promissora”¹⁶.

¹⁶ Paulo VI. *Audiência Geral*. 4 de maio de 1966.

